

Donos temem a 'morte' dos bares

O que seria dos frequentadores do Beirute (109 Sul), que há quase 30 anos cultivam uma fidelidade canina com a casa, se perdessem as 40 mesas que insistem em abrigar (no lado externo do restaurante) já a terceira geração de devotos. "O pobre é sempre punido com a palmatória", lamentou, ontem, Francisco Marino, um dos proprietários, ameaçado de perder praticamente todo o estabelecimento.

Segundo um dos responsáveis pelo mais tradicional reduto de formadores de opinião da capital, a iniciativa do Ministério Público decreta a morte do Beiras: "Onde vou colocar meus 30 garçons? Além disso, minha equipe de cozinheiros e copeiros seria eliminada,

pois me sobraria apenas o sobrado que abriga um balcão de serviços e poucas mesas no andar superior".

Com vida mais curta, mas igualmente badalado, o restaurante Carpe Diem (104 Sul) é outro que faz de sua área externa um espaço fundamental de atendimento. Inconformado e surpreso, Fernando Barros, um dos donos, foi direto: "Queremos pagar por esse uso; o que não se pode é querer comparar a realidade urbana da década de 60 com as necessidades dos que vivem à beira da virada do século".

Barros relembrou a concepção original das comerciais, inicialmente projetadas e direcionadas para as quadras internas. "Eram pequenas lojinhas destinadas às compras de

última hora. Com o tempo, o trânsito, os consumidores e a própria dinâmica da cidade inverteram a posição e a função do fluxo das comerciais", disse o misto de jornalista e gourmet.

Como presidente da seção local da Abrasel — de empreendimentos de lazer — Fernando Barros vê, apenas, uma vantagem na operação surpresa iniciada há dois dias: "Há que ser criado um fórum de discussões em torno do tema. Agora sim; ou encontramos uma saída para o problema ou a falência da capital chegará mais cedo do que imaginamos. Afinal, o DF tem que sobreviver em comunhão com seus cidadãos. Ou não?", concluiu, irritado, o empresário. (A.M.)